

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

III

Magalona Princesa de Nápoles

O Marido Ausente

As Viagens de Henrique Lusitano

A Donzela das Linzas

Uma Nuvem sobre a Cama

Título: Algum Teatro
Vol. III

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1660-4

Depósito legal: 294 430/09

MAGALONA,
PRINCESA DE NÁPOLES

(1986)

Comédia dramática escrita em 1986. Até ao momento de preparar-se a sua reedição, na colectânea *ALGUM TEATRO* (2009), não havia sido representada. O lançamento da 1.^a edição (1990, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura), com apresentação de Carlos Porto, teve como complemento a estreia absoluta de *Viagem a Damasco* pelo Alpen-dre — Grupo de Teatro e uma grande exposição biobibliográfica na Câmara Municipal. Isto no âmbito de recordar àquela cidade açoriana os trinta anos de actividade literária do conterrâneo Norberto Ávila.

*Para Marcelo Lambert
e Sara Silvin*

Pues quién podrá negar no ser verdadera la historia de Pierres y la linda Magalona...?

CERVANTES, *Don Quijote*,
cap. XLIX (I parte).

MAGALONA, PRINCESA DE NÁPOLES

Comédia dramática em 2 partes

Personagens:

MAURÍCIO, conde da Provença
IOLANDA, condessa da Provença
PEDRO, filho de ambos
LUDGERO, amigo e confidente de Pedro
BRIALDO, rei de Nápoles
MARILDA, rainha de Nápoles
MAGALONA, filha de ambos
GINEVRA, ama de Magalona
ASTRUK, mago, ao serviço do rei de Nápoles
GERBINO, cavaleiro, sobrinho e protegido de Astruk
LANDOLFO, estalajadeiro
CAPITÃO DO NAVIO
PEREGRINA
OTMAN, sultão do Egipto
MUSTANSIR, cortesão ao serviço de Otman
NATAN, mercador judeu
Cortesãos, cavaleiros, marinheiros, pescadores,
cozinheiros e freiras



A acção decorre nos princípios do século XIV, principalmente na Provença, em Nápoles e no Egipto.

I PARTE

1

Provença. Palácio dos condes. Sala dos banquetes, festivamente preparada. Ao fundo, janela românica, com colunas laterais, muito alta e estreita. Mesa posta com grande aparato, já no final da refeição. Ao centro, o Conde Maurício e a Condessa Iolanda. Segue-se-lhes, a um lado, Pedro, filho de ambos, que tem junto a si Ludgero, o homenageado. Outros convivas completam o conjunto.

A fina toalha tem festões de flores. Sobre a mesa e ao alto brilham as luzes dos candelabros.

Música palaciana, de características bem medievais.

Finalmente, ergue-se o Conde. Interrompe-se a música. Um certo murmurinho, naturalmente reinante em tão amistoso convívio, fica também suspenso. Todos se aprestam a ouvir o generoso anfitrião.

CONDE — De bom grado, amigos meus, ainda por largo tempo estaria aqui convosco. Porém, negócios de Estado, que muito cedo me esperam amanhã, me recomendam o desejável repouso de algumas horas. Iolanda, minha senhora Condessa, tanto como eu, suponho, teve prazer em estar neste banquete.

CONDESSA — Senhor, foi sobremodo agradável compartilhar a alegria deste momento festivo.

CONDE — Pois em verdade direi que o regresso de Ludgero (*e designa-o*) à nossa Corte é motivo de tão jubilosa festa. Tanto mais que reconheço em Ludgero um bom amigo, companheiro dedicado de meu filho Pedro, herdeiro do meu sangue... e da Provença. Pois, como sabeis, por certo — estando seu pai doente — Ludgero foi enviado, em serviço meu, às Cortes de soberanos com quem pretendo manter a paz, para bem dos nossos povos. E, mau grado a juventude, revelou-se embaixador perfeito. Honra lhe seja. Portanto e uma vez mais, agora em público, digo a gratidão que merece da minha parte e o apreço que tenho por ele. Peço, assim,

me acompanheis neste brinde de homenagem (*ergue a sua taça*) a Ludgero.

(*Levantam-se todos os convivas e acompanham-no no brinde.*)

CONVIVAS (*em coro*) — A Ludgero!

(*Bebem todos.*)

LUDGERO (*repondo a taça na mesa*) — Senhor, as vossas palavras são generosas. Guardadas ficarão no meu espírito. Acreditai que nenhuma missão mais digna e mais nobre poderíeis confiar-me. Se outro impedimento houver de meu pai — que Deus o guarde! — podereis considerar-me... vosso embaixador da paz.

CONDE — Graças vos dou, cavaleiro. — Vós, amigos de Ludgero e de Pedro, ficareis prolongando este convívio. Imaginai-me presente. E com isto me despeço.

(*O Conde Maurício toma a Condessa Iolanda pelo braço e vão saindo. Seguem-nos alguns cortesãos, os mais velhos. Os mais novos — Pedro e seus amigos — baixam a cabeça, em respeitosa cortesia.*)

(*Os músicos assinalam esta saída com alguns acordes vibrantes. Mudança de luz. Subidos que foram os candela-bros suspensos sobre a mesa, atenuou-se o esplendor do ambiente, dando lugar a uma atmosfera de maior intimidade.*)

LUDGERO — Bem seguramente, Pedro, afirmaria ser tua a ideia deste banquete.

PEDRO — Desse pecado, Ludgero, peço perdão.

LUDGERO — Eu te absolvo.

PEDRO — Devo confessar que achei a melhor cumplicidade em meu pai e minha mãe. Porque te apreciam muito. Tanto como eu.

LUDGERO — Espero merecer cada vez mais esta honra, esta amizade.

PEDRO — Sim, sim. Mas deixemos isso. Porque fiquei desejoso de saber mais, muito mais dessa viagem.

UM JOVEM CORTESÃO — Concordo. Que esta manhã, ao almoço, não conseguiste acabar.

LUDGERO — Tanta vez interrompido, com perguntas, comentários...

O JOVEM CORTESÃO (*depois de imitar o rufar de um tambor, com o gesto e a voz, anuncia, como se pregoeiro fosse*) — Continuação do relato da aventureira viagem que fez Ludgero de Orange, trovador e cavaleiro, por mandato de Maurício, Conde da Provença, aos reinos de Tais e Tais! Atenção! (*Imita novamente o rufar do tambor.*)

(*Uma cortina escura encobre a cena completamente.*)

2

À frente da cortina escura surge uma tapeçaria, com temática da Távola Redonda: o Rei Artur e os seus cavaleiros. Entram Pedro e Ludgero.

PEDRO — De modo nenhum, Ludgero. Não poderás convencer-me com tais motivos.

LUDGERO — Escuta...

PEDRO — Maduramente pensei no meu projecto. E agora não poderei desistir.

LUDGERO — Mais tarde, Pedro, mais tarde. Não vai o mundo acabar tão brevemente.

PEDRO — Quem sabe?

LUDGERO — Ah, bem culpado fui eu, pintando com belas tintas a Corte do Rei de Nápoles! Descrevendo a traço fino uma figura ideal de princesa! Que não há!

PEDRO — Magalona!

LUDGERO — Mas confesso que me deixei transportar nas asas da fantasia. Ora, depois de um banquete... Vinho de Borgonha! Vinho de Falerno e Macedónia! Desdigo, assim, quanto disse. Tudo impensado. E perdoa-me, que tão leviano fui.

PEDRO — Não zombes de mim, agora que me vês tão decidido a cumprir esta viagem.

LUDGERO — Em boa verdade, Pedro, devo dizer-te que a Corte de Brialdo, Rei de Nápoles, não poderia causar-me decepção maior.

PEDRO — Ludgero!

LUDGERO — Vista do mar, a cidade — que digo eu? —, a vilória, não é mais que amontoado de choupanas e casebres. Com algumas igrejinhas. Vista de terra, é pior. Pior ainda. As ruelas — ruas não tem — são de terra. Mas com tais altos e baixos, tais pedregulhos, tais covas, que, andando nelas, parecem os habitantes coxinhos. Estropiados. Madona! (*E, tendo ilustrado as palavras com a devida imitação, prossegue:*) Aos forasteiros convém recomendar (*e exemplifica*): Que mantenham mão no nariz, mão na bolsa. Para salvar os pulmões da pestilência do ar; para guardar o dinheiro da cobiça dos ladrões. Quanto ao palácio real, quero chamar-lhe... espelunca. Melhor dizendo: pocilga. Torneios? São garotadas, onde os cavaleiros montam pilecas de pele e osso, investindo uns contra os outros, com seus bordões montanheses. Brialdo? É talvez um rei, mas de baralho de cartas. Sempre a coçar o traseiro. De Magalona... direi que é rechonchuda. E magríssima. Tem um nariz rubicundo, boca de sapo. No queixo, dezoito pêlos. Na testa, quatro verrugas e meia.

PEDRO — Basta, Ludgero. E responde: Contarei com a tua ajuda?

LUDGERO — Ajuda? Em que circunstâncias?

PEDRO — Decidi que esta manhã informaria meus pais do que pretendo fazer: empreender a jornada Marselha-Córsega-Nápoles. E sabendo muito bem que se vão opor a isso...

LUDGERO — E com razão...

PEDRO — ... só te peço que sejas meu defensor nesta causa. Ora o pedido será feito nesta sala, sob o olhar protector do Rei Artur, meu patrono.

LUDGERO — Mas não entendo a urgência dessa viagem. Aguarda mais algum tempo, e prometo interceder a favor do teu desejo. Nem pensas que, tendo eu regressado há pouco dias, faltou-nos ocasião de passeio, de caçada, de torneio, mesmo um jogo de xadrez.

PEDRO — Em tudo isso serei teu companheiro, Ludgero, esta semana.

LUDGERO — E depressa!, que a Princesa Magalona aguarda — bem suspirosa —, Pedro, que vai da Provença.

PEDRO — Assentaremos agora as razões, os argumentos...

LUDGERO — Sim, ensaia o teu papel. Eu sou o Conde.

(A um lado da tapeçaria espreita a cabeça do Conde Maurício.)

Ludgero dá uma larga volta, acomodando-se à figura evocada no andar, no gesto, na voz.)

PEDRO *(dirigindo-se ao amigo, respeitosamente)* — Senhor, sabido é que aos herdeiros de reinos e de condados muito convém conhecer terras e povos do mundo. *(À parte.)* Comecei bem.

LUDGERO — Sim?

PEDRO — Porquanto, ao verem chegar o tempo da governação, se encontram mais aptos, mais preparados, para exercer o poder.

LUDGERO *(à parte)* — Esta traz água no bico.

PEDRO — Sendo assim, senhor meu pai, venho respeitosamente requerer a Vossa Alteza...

LUDGERO — Papel selado, não esqueça.

PEDRO — ... ao abrigo do disposto... no artigo tal e tal...

LUDGERO — Um burocrata em potência.

PEDRO — ... se digne, assim, conceder-me autorização devida para viagem de estudo.

LUDGERO — De estudo, hem? Com que então! Pois muito me espanta, Pedro, esse teu atrevimento, sabendo tu, como sabes, que és o meu único filho.

PEDRO — Saberei?

LUDGERO (*melodramático*) — Tu, que és herdeiro do Condado da Provença! Vou arriscar-me a perder-te? Se morres nessa viagem, a quem deixarei a pátria de meus egrégios avós?

PEDRO (*ri-se e logo se recompõe*) — Ao rei de França, senhor, que já a tem cobiçada.

LUDGERO — Não quero aqui profecias. Nem política. (*Dá outra volta.*) E agora entra a Sr.^a Condessa.

(*Ao outro lado da tapeçaria surge, também a espreitar, a cabeça gentil da Condessa Iolanda.*)

LUDGERO (*muda de compostura, gesto e voz, semelhando a ilustre personagem*) — Mas que dizes tu, meu filho? Uma viagem? Aonde?!

PEDRO — Aí pelas redondezas.

LUDGERO — Por terra? Ignoras acaso que há dragões nessas florestas? E lacraus?

PEDRO — E até formigas! Só por isso irei por mar.

LUDGERO — Por mar? Por mar?! Que imprudência! Pois não sabes que há sereias, e tritões, serpentezonas e tantos monstros marinhos?

ÍNDICE

MAGALONA, PRINCESA DE NÁPOLES — 1986	7
O MARIDO AUSENTE — 1988	115
AS VIAGENS DE HENRIQUE LUSITANO — 1989	171
A DONZELA DAS CINZAS — 1990	245
UMA NUVEM SOBRE A CAMA — 1990	301

Vol. I

Apresenta-se o autor com as suas peças, <i>por</i> NORBERTO ÁVILA	7
AS HISTÓRIAS DE HAKIM — 1966	43
A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS — 1972 e 1978	125
AS CADEIRAS CELESTES — 1975	227
O ROSTO LEVANTADO — 1977-1978	311

Vol. II

VIAGEM A DAMASCO — 1980	7
DO DESENCANTO À REVOLTA — 1982	103
OS DESERDADOS DA PÁTRIA — 1988 *	163
FLORÂNIA OU A PERFEITA FELICIDADE — 1983	227
D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS — 1985	325

* Excepcionalmente fora de ordem, por ser esta peça a sequência da anterior.

Vol. IV

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA — 1992	7
OS DOZE MANDAMENTOS — 1993	61
FORTUNATO E TV GLÓRIA — 1995	131
O CAFÉ CENTAURO — 1996	215
SALOMÉ OU A CABEÇA DO PROFETA — 2000	277
PARA ALÉM DO CASO MADDIE — 2007	331

Acabou de imprimir-se
em Dezembro de dois mil e nove.

Edição n.º 1015324

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br